

O APRENDIZ DE L2 E SEU DISCURSO: A PASSAGEM DE LOCUTOR A SUJEITO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO

Bruna Sommer Farias¹

1. Introdução

Os estudos sobre o processo de aquisição de uma nova língua pelo falante sempre foram objeto de análise concentrados na Linguística Aplicada e abordados através de diversas teorias. Neste trabalho, um novo viés de análise é apresentado ao considerar-se a Linguística da Enunciação como base para a constituição de um novo olhar sobre o processo de aquisição de uma segunda língua. De modo mais específico, tomo a visão enunciativa de Émile Benveniste para constituir meu ponto de vista.

O objetivo desta discussão é analisar a instauração do aprendiz em seu processo de aquisição, de modo a buscar a compreensão de como ocorre a apropriação da segunda língua (doravante L2) pelo locutor e de que maneira ele se marca como sujeito em sua fala. Deste modo, procura-se verificar e explicitar quais mecanismos e funções da língua indicam a passagem de locutor a sujeito, segundo noções apresentadas por Émile Benveniste em seus artigos reunidos em Problemas de Linguística Geral I (1991) e II (1989). Ao pensarmos a relação intersubjetiva que compreende a alocação eu-tu/aluno-professor, ou até mesmo aluno-aluno ao considerar-se o contexto de sala de aula, temos a realidade de diálogo que constrói a complexidade do processo de apropriação da língua, afirmando o caráter de irrepetibilidade da enunciação.

O fenômeno da enunciação é reconhecido por Benveniste (1989) como um grande e complexo mecanismo o qual, ao mesmo tempo em que pode ser considerado banal dada a facilidade de confundi-lo com a língua, é também extremamente necessário e intrínseco, fazendo com que passe despercebido pelos falantes. Nesse sentido, o autor enfatiza a importância da reflexão linguística acerca deste fenômeno e a emprega enquanto necessidade teórica.

Silva (2009) reflete sobre os termos Aquisição de Linguagem através das implicações dos dois termos presentes no sintagma. Sabendo que a autora também vincula seus estudos à Linguística da Enunciação, dois aspectos que singularizam nosso ponto de vista diante de tal concepção são ressaltados: o primeiro é que trata-se aqui da aquisição da “linguagem”, e não de qualquer outro sistema; e o segundo é que a aquisição da linguagem ocorre por um “sujeito”, ou seja, ele está incluído na análise. Tais considerações feitas pela autora se relacionam com sua pesquisa em aquisição de L1 ou materna.

Assim, para este trabalho, deslocamos seu modo de reflexão para o sintagma “aquisição de segunda língua”, e então percebemos que há uma mudança na possível consideração do sujeito no processo de aquisição, uma vez que o termo “língua”, muito mais que o termo “linguagem”, supõe um sistema do qual o aprendiz precisa se apropriar para enunciar. Segundo as delimitações de Saussure, “o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional” (2006, p. 17). Além disso, ele defende que a língua é a parte social da linguagem, de modo que não é possível ao indivíduo modificá-la ou criá-la, já que esta constitui um sistema exterior a ele. Assim, para conhecer o funcionamento deste sistema, o indivíduo precisa colocar-se como aprendiz desta língua para que possa assimilar pouco a pouco seu uso.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem – Teorias do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: sommerbruna@gmail.com

Tendo isto em mente, este trabalho busca propor um olhar ainda não contemplado na área, que vê o sujeito – social, cognitivo - posicionando-se enquanto aprendiz que busca a apropriação de um sistema novo de signos, de modo que possa enunciar e deixar suas marcas linguísticas também em uma nova língua, a fim de deixar de ser apenas um locutor – aquele que profere palavras decoradas, que repete estruturas – para também se fazer sujeito na linguagem, ou seja, aquele que instaura sua subjetividade ao mobilizar a língua por sua conta. Portanto, a subjetividade de que tratamos aqui são as marcas deixadas no discurso que indicam a presença de um sujeito que estabelece referência e co-referência na linguagem, expressando uma certa relação com o mundo por meio dos indivíduos linguísticos dos quais faz uso, não havendo relação com o sujeito social e cognitivo na análise. Vale ressaltar: o foco de estudo são as marcas linguísticas que constituem os indicadores do sujeito na língua, a partir do momento em que o locutor apropria-se dela e enuncia. Parte da discussão aqui apresentada integrou o Trabalho de Conclusão de Curso da autora.

2. Pressupostos teóricos

A complexidade da leitura da obra de Émile Benveniste faz com que seja necessária a eleição de um corpus dentro dos textos do autor para servir como referencial teórico de pesquisa. É importante ressaltar que a noção de teoria da enunciação foi criada *a posteriori* pelos leitores de Benveniste, a partir das ideias reunidas em seus artigos: em nenhum momento o autor demonstra conceber uma teoria denominada teoria da enunciação ou ainda linguística da enunciação.

Para Flores & Teixeira (2005), a *linguística da enunciação* abarca diversas *teorias da enunciação*, considerando que seus construtos teórico-metodológicos se ocupam do uso da língua e da subjetividade que marca o homem na língua, tornando-o sujeito. Para este trabalho, as noções-chave tomadas são as que permeiam o conceito de *subjetividade*, discutidas nos seguintes artigos de Émile Benveniste: “Da Subjetividade na Linguagem” (1958), “A Natureza dos Pronomes” (1956) – reunidos no livro *Problemas de Linguística Geral I* (1991) - e “O Aparelho Formal de Enunciação” (1970) – contido em *Problemas de Linguística Geral II* (1989). O percurso escolhido remonta a apenas um dos caminhos possíveis dentro da teoria benvenistiana, e a justificativa para tal escolha é o fato destes textos conterem as noções-chave que situam o locutor no processo de apropriação, foco da presente análise.

As noções de *locutor* e *sujeito* em Benveniste são primordiais para o presente estudo: faz-se mister explicitar que ambos têm significação distinta. Ono (2006, p. 164) afirma que a significação geral do estatuto do *locutor* tem relação diretamente estabelecida com a definição de homem por Benveniste, ou seja, é aquele que fala; o homem é homem porque fala, já que “é um homem falando que encontramos no mundo” (BENVENISTE, 1991, p. 285). A autora ainda ratifica o fato de que a língua possui um mecanismo próprio de criar condições para que cada locutor se aproprie dela.

Sobre a noção de *sujeito*, segundo a definição contida no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES; BARBISAN; FINATTO; TEIXEIRA, 2009, p. 220), tornar-se sujeito tem a ver com a “constituição do homem na linguagem e pela linguagem”. A obra traz um resgate histórico do termo *sujeito* nos textos de Benveniste, pontuando que:

O termo adquire grande relevância teórica, por motivos óbvios em “Da subjetividade na linguagem”, onde o autor “parece deixar entrever que o sujeito não é nem homem – “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito.” (BEN95:286)-, nem locutor – “A ‘subjetividade’

de que tratamos aqui é a capacidade do locutor se propor como ‘sujeito’”(DLE, 2009, p. 286; 288).

Complementando a passagem acima, o autor afirma que “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 1991, p. 286), ou seja, a passagem de locutor a sujeito no discurso é o único modo de ser na língua, o modo de ser sujeito ao deixar as marcas lingüísticas em seu discurso. Assim é constituída a noção de *subjetividade*, ou seja, a própria capacidade do locutor se propor como sujeito, que é uma noção ligada à idéia de *intersubjetividade*, uma vez que o locutor se coloca como sujeito, dizendo *eu* e deixando suas marcas lingüísticas para referir a um alocutário, o *tu*, que por sua vez também diz *eu* e deixa suas marcas, em seu papel reversível na situação de diálogo.

A teoria benvenistiana não constitui um modelo teórico-metodológico de análise da linguagem. O ponto de vista enunciativo é construído a partir de cada objeto, tendo como ponto central a irrepetibilidade da língua transformada em discurso por meio da apropriação do locutor. Esta visão de sujeito em relação singular com a língua é o axioma fundador da teoria, é o seu princípio de evidência: o homem está na língua, pois é simbolicamente fundado nela. É a enunciação que faz tal dispositivo funcionar (FLORES & TEIXEIRA, 2009). Além disso, a noção de *intersubjetividade* também se coloca como conceito fundante, uma vez que o locutor passa a ser sujeito para referir e co-referir a um alocutário, estabelecendo a comunicação intersubjetiva entre as pessoas do discurso.

Tais noções sustentam a análise proposta neste trabalho, considerando que o processo de apropriação de uma L2 pelo aluno implica um olhar atento do professor diante das marcas lingüísticas que representam sua tentativa de instauração em uma nova língua. Ao ser postulado enquanto alocutário, o professor estabelece uma relação de diálogo com o aluno em sala de aula, que é instigado a referir na língua alvo para que seu alocutário possa co-referir identicamente em um processo complexo que envolve a enunciação também em língua materna, dependendo da situação de diálogo.

Diante de tais reflexões teóricas, temos o locutor em um papel central no processo de apropriação da língua. Sem que haja um locutor para nela se instaurar e a mobilizar por sua conta, a língua é vista como possibilidade, portanto só sendo transformada em discurso após a enunciação. De tal modo, é a organização da linguagem que permite com que cada locutor se aproprie “da língua toda”. Segundo Benveniste, a linguagem dispõe de um grupo de “signos vazios” que atingem sua plenitude de significado quando são mobilizados pelo locutor, de forma a funcionarem como um “instrumento de conversão” (BENVENISTE, 1991, p. 280) em direção ao status de signos plenos de referência e valor: tudo ligado a presente instância de discurso em que a enunciação é proferida. Dessa forma, a realidade à qual se referem os pronomes “eu” ou “tu” é a realidade do discurso, ou seja, seu valor é único dentro da instância de discurso em que é produzido. Os chamados *índices de ostensão*, ou dêiticos, também constituem sua referência na instância de discurso, sendo particulares a sua realidade de produção.

Todas estas considerações são tomadas enquanto condições que regem o mecanismo da enunciação, introduzindo aquele que fala em sua fala. Os indivíduos lingüísticos, ou seja, os pronomes pessoais e demonstrativos, os chamados índices de subjetividade, enviam sempre a novos conceitos a cada enunciação: a cada enunciação os conceitos se atualizam, designando algo novo. Assim, a existência de certas classes de signos, como os indicadores de subjetividade, está condicionada à enunciação: precisam da referência adquirida na realidade de discurso para preencherem seu significado, referindo a um alocutário.

Com relação ao emprego da língua, que é a enunciação, Benveniste também define tal fenômeno pela famosa citação “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (1989, p. 82). Em tal sentença, o locutor está mais uma vez situado no ponto central da teoria, considerando sua posição como condição para a língua ser colocada em funcionamento, o que acaba por afetar a língua toda, de alguma maneira, já que põe em uso as propriedades que a própria língua dispõe aos falantes. Dessa forma, é “a relação do locutor com a língua [que] determina os caracteres linguísticos da enunciação” (idem), acentuando a caráter singular de cada ato de produção de enunciados marcado pela escolha individual de cada locutor. Consequentemente, essa conversão individual da língua em discurso acaba por afetar a *língua inteira*, de modo que reconfigura seu sistema a cada ato enunciativo.

Portanto, é o próprio ato de mobilizar a língua por sua conta que faz com que o sujeito se marque em seu discurso, concebendo então o processo da enunciação. Este momento constitui o próprio ato da enunciação, que é efetuado em uma forma que atinge e postula um alocutário, mesmo que implicitamente, o faça para suscitar uma enunciação em resposta. Ao também considerar as situações em que se realiza e por meio de quais instrumentos, Benveniste estabelece a relação da enunciação com a língua, afirmando que há a apropriação do chamado “aparelho formal da *língua*” para estabelecer certa relação com o mundo. Esta reflexão se encontra em um artigo de 1970, intitulado “O Aparelho Formal da Enunciação”, onde ele explicita que este mecanismo de apropriação se dá através de índices específicos e procedimentos acessórios, guiados pela necessidade de o locutor referir pelo discurso a um alocutário que possa co-referir identicamente, em uma afirmação que postula a referência e a reversibilidade de cada locutor poder ser também um co-locutor.

3. Metodologia

Como já citado anteriormente, a chamada Linguística da Enunciação benvenistiana não constitui um modelo teórico-metodológico de análise. O autor não desenvolveu nenhum modelo, especificamente. Nas palavras de Flores & Teixeira (2005), “sua obra é mais um roteiro indicativo de questões referentes à ‘presença do homem na língua’ do que a proposição de um método nítido de análise”.

Assim, a concepção de dado vai ao encontro de sua consideração enquanto fato linguístico: não há um fenômeno constituído *a priori*, mas a análise se baseia em um recorte concebido a partir do olhar do pesquisador, que enuncia sobre a enunciação do outro. Cada análise da linguagem se faz de modo único e singular, conforme a irrepetibilidade de cada enunciação, de modo que não há pretensão da universalidade em tal proposta de análise. Ao teorizar e analisar os dados apresentados de uma forma simultânea nos seus artigos, contidos na reunião de seus escritos nos Problemas de Linguística Geral I e II (BENVENISTE, 1991, 1989), sua proposta consiste em instigar uma análise singular a cada leitura, o que permite que, a cada enunciação, sejam realizadas novas considerações a respeito do fenômeno sob o olhar de cada analista. Isto se relaciona com a noção benvenistiana de que a ordem do repetível da língua diz respeito apenas à sua organização enquanto sistema de signos, seu caráter irrepetível faz com que cada enunciação seja atualizada no uso pelo enunciador, de modo que é singularizada pelo “eu” ao enunciar e, assim, estabelece o espaço-tempo de sua enunciação. Desta forma, cada análise também conterà a singularidade de sua análise enquanto enunciação sobre a enunciação do outro, concebida em outro espaço-tempo.

Assim como a análise dos dados é vista como um ato enunciativo, a transcrição é concebida da mesma forma. Silva (2009) afirma que o momento da transcrição também

constitui *aqui-agora* singulares, já que o locutor se apropria do aparelho formal para instaurar seu olhar enunciativo sobre os fatos linguísticos da pesquisa. Sabemos que sempre há algo que se perde na passagem da fala à escrita, porém este ato de transcrição atualiza o dado na subjetividade do transcritor. A autora acrescenta: “Ao atualizar esse dado oral (ele) em uma escrita marcada, [o locutor-transcritor] instancia a subjetividade constitutiva de todo ato enunciativo” (SILVA, 2009, p. 209).

Os dados aqui analisados foram gerados em aulas de língua inglesa como L2 no Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o qual atende pessoas não só da universidade, mas também de toda a comunidade, preferencialmente adultos. Foram feitas gravações audiovisuais de aulas de duas turmas (uma aula em cada turma), as quais foram escolhidas de forma aleatória. A primeira era composta por 10 alunos adultos do nível considerado pós-intermediário e a segunda formada por 12 alunos adultos de nível intermediário. Cada turma foi regida por professores diferentes, os quais eram conhecidos da pesquisadora. Na época em que ocorreram as gravações, o curso de língua inglesa era constituído por 9 níveis, sendo o nível 3 considerado intermediário e o 5 pós-intermediário. Para o presente trabalho, será utilizado um recorte da aula de nível pós-intermediário, o qual apresentou uma situação de diálogo envolvendo o professor e os colegas enquanto alocutários em um processo de instauração de subjetividade bastante interessante.

Para o presente trabalho, foram utilizadas convenções específicas para a transcrição, ou seja, que não se baseiam em convenções utilizadas em outros trabalhos.

Tabela 1: Marcas utilizadas pela transcritora na transcrição do fato linguístico.

Marca	Indicação
?	Entonação de interrogação
[]	comentários da transcritora em colchetes
...	pausa curta
-	pausa longa
[?]	não houve compreensão da gravação
<u>Palavra sublinhada</u>	referência entonacional do comentário que vem em seguida

4. O fato linguístico

Antes de iniciar a apresentação do fato linguístico, cabe ressaltar mais uma vez que a categoria de análise dos dados constitui o momento de passagem de locutor a sujeito na enunciação, que é considerada enquanto fruto da apropriação, que é o ato de o locutor - neste caso, o *eu* que enuncia é o aprendiz - mobilizar a língua por sua conta. Através do ato de semantização das palavras da L2, das quais aos poucos o aprendiz se apropria, seu discurso – a língua posta em uso – se constitui de marcas que expressam a passagem de locutor a sujeito. Para tanto, tal categoria é posta como base para a busca de mecanismos que indiquem e marquem esta passagem na fala dos sujeitos nos fatos em questão.

Deste modo, segue a explicitação e a descrição do que ocorre no fato linguístico, em um primeiro momento, e em seguida há a consideração dos mecanismos que geram a enunciação do sujeito-aprendiz que se enuncia.

Quadro 1: Excerto da aula de nível pós-intermediário escolhido para análise

<i>Participantes:</i>		PROF (professor), LOC 1 e LOC 2 (alunos cujos enunciados foram apreendidos)
<i>Data da aula gravada:</i>		10/06/2011
<i>Situação:</i>		Os alunos estão corrigindo os exercícios com base em uma gravação de áudio sobre sinopses de filmes e seus gêneros.
1	PROF:	C, that's you, okay? The Wolf-Children, what genre is that?
2	LOC 1:	I think it's drama [bastante baixo].
3	PROF:	Drama?... Drama? Horror? Comic? Sad movie? What's that?
4	LOC 1:	This is children... ahm...[?] difficulties ahm the life of the children.
5	PROF:	All right. Children difficulting life of other children? Yeah... Well. In what way? How?
6	LOC 1:	How? [tentando entender] I don't understand.
7	PROF:	How do they make the life of other children difficult?
8	LOC 1:	Difficulties... ahm... the life the children.
9	PROF:	Aham.
10	LOC 1:	As dificuldades deles.
11	PROF:	Okay, but what kind of difficulties?
12	LOC 1:	Ahm. With the the wolves.
13	PROF:	Oh. <u>So they have difficulties dealing with the wolves? Yes?</u> [entonação que requiere confirmação]
14	LOC 1:	[?]
15	PROF:	Okay, [risos], let's say [?] does he recommend it or not?
16	LOC 1:	Ahm, no.
17	PROF:	Doesn't?
18	LOC 1:	Doesn't.
19	PROF:	Why not?
20	LOC 1:	Ahm... I don't remember.
21	PROF:	Don't remember? Ahm, okay, so let's listen. The genre, right? What are problems that they have, focus on that... why does he... why does he recommend the movie or not.
<áudio do CD>		[vários alunos falando "don't take children"]
22	PROF:	<u>Don't take children.</u> [asserção positiva] Right? Why not? That's it. Okay.
<áudio do CD>		
23	LOC 1:	[?] wolves.
24	PROF:	All right, yeah.
25	LOC 2:	Children
26	PROF:	<u>Children.</u> [asserção positiva] Repete.
27	LOC 1:	Captured.
28	PROF:	<u>Captured.</u> [asserção para confirmação de referência]
29	LOC 1:	Wolves?
30	PROF:	By wolves. Yes. Yes. And?
31	LOC 1:	Take.
32	PROF:	Take. Away. [entonação de complemento da resposta anterior] All right.
33	LOC 1:	Difficulties. [entonação assertiva]
34	PROF:	<u>Yes!</u> [entonação assertiva enfática] [turma conversa comentando a resposta do colega] If you call that difficulties, that's fine. To be captured by wolves ... that's it. that's it. [turma continua conversando, concordando ou discordando do colega]

No enunciado número 1, o professor direciona as perguntas do exercício para um determinado aluno, referido aqui como C, para que este responda a questão, a qual consiste em identificar qual é o gênero do filme *The Wolf-Children*, em tradução livre

para o português, “As crianças-lobo”. Os alunos já haviam escutado o áudio referente à descrição de tal filme e tiveram tempo para discutir com os colegas sobre as possíveis respostas do exercício. Em um tom de voz baixo, o aluno responde, conforme a linha 2, que acredita ser um gênero dramático. O professor, na linha 3, parece não se contentar com a resposta do aluno e passa a instigá-lo a partir das outras possibilidades de resposta, como filme de horror, comédia, drama. A partir disso, o aluno tenta justificar a sua escolha. No enunciado 4, ele enuncia utilizando as palavras: *This is children, difficulties, the life of the children*. Diante de tal afirmação, o professor tenta confirmar sua hipótese sobre o sentido da sentença proferida pelo aluno, conforme a linha 5, onde ele diz *All right*, em uma postura de aceitação da tentativa de explanação do aluno, e continua com sua hipótese: *Children difficulting life of other children?*, em português, “Crianças dificultando a vida de outras crianças?”. No mesmo enunciado, continua a instigar: *In what way? How?*, referindo-se a que sentido crianças poderiam dificultar a vida de outras crianças, no caso do filme em questão. O enunciado 6 indica que o locutor não entendeu o que o professor tentou propor como discussão e repete a sua pergunta *How?*, em português, “Como?”, e explicita que não entende o que está sendo perguntado (*I don’t understand*). No enunciado 7, o professor reformula sua questão, reorganizando os caracteres da L2: *How do they make the life of other children difficult?*, em português, “Como eles tornam difícil a vida de outras crianças?”. Em uma nova tentativa de explicar sua posição, o locutor, no enunciado 8, repete sua explicação, porém só consegue utilizar as mesmas palavras na mesma ordem sintática: *Difficulties... ahm... the life the children*, em português, “Dificuldades, a vida, as crianças”. Vendo que o alocutário, no caso, o professor, ainda não atingia sua referência, enunciou em sua língua materna, conforme o enunciado 10: “As dificuldades deles”. Diante desta informação, o professor continua a formular outras questões e instigá-lo, em inglês, *Okay, but what kind of difficulties*, em português, “Okay, mas que tipo de dificuldades?” (enunciado 11). No enunciado 12, o aluno enuncia *With the the wolves*, em português, “Com os lobos”, o que leva o professor a formular uma nova questão para que pudesse esclarecer a referência proposta pelo seu alocutário, o aluno, desde o primeiro enunciado: *So they have difficulties dealing with the wolves? Yes?*, em português, “Então eles têm dificuldades em lidar com os lobos? Sim?”, diante do que não foi possível entender a resposta do aluno, na linha 14. Considerando que o professor muda de assunto na linha seguinte, infere-se que não houve co-referência por parte do professor quando o aluno tentou propor-se enquanto sujeito, marcando-se em seu discurso. Assim, na linha 15 o professor faz outra pergunta *Does he recommend it or not?*, perguntando se o áudio que escutaram recomendaria o filme em questão. Ao utilizar a forma linguística *no*, na linha 16, o aluno é corrigido pelo professor, conforme a linha 17 em que o professor profere *doesn’t*, forma linguística que é repetida pelo aluno na linha 18. Ao perguntar causas da não indicação do filme pelo sujeito que fala no áudio, C não se recorda dos argumentos (*I don’t remember*, linha 20), então o professor propõe que ouçam o áudio novamente, reforçando que prestassem atenção se há a recomendação ou não do filme. Logo que o professor encerra a reprodução do áudio, os alunos começam a enunciar trechos que se referem ao que ouviram principalmente *don’t take children*, ou seja, “não levem as crianças”, como resposta à pergunta feita ao locutor 1, que refere-se à não ser recomendável que o filme seja visto por crianças. O professor reforça tal asserção, *don’t take children*, com uma entonação enfática (linha 22), confirmando a hipótese dos alunos. Na linha 23, C, o locutor 1 enuncia a palavra *wolves* como mais uma que foi reconhecida por ele, em seguida, o locutor 2 enuncia *children* (linha 25). O professor confirma ambas as hipóteses via repetição enfática (linha 26) e na linha 28, quando repete a palavra *captured*. Na linha

29, o locutor 1 insiste na palavra *wolves*, enunciando em entonação interrogativa, ao que o professor confirma a referência na linha 30, enquanto na linha 31 ele enuncia a palavra *take*. Na linha 32, o professor repete a palavra *take* e acrescenta a palavra *away* como complemento do sentido do enunciado do locutor 1, já que *take* no contexto seria pegar e *take away* uma locução que significa “levar embora”. Então, na linha 33, o aluno C, locutor 1, enuncia a palavra *difficulties* sob uma entonação assertiva. O professor, na linha 34 confirma a co-referência enunciando *Yes!* enfaticamente, ao que a turma conversa entre si sobre o assunto. E o professor acrescenta: *If you call that difficulties, that's fine. To be captured by wolves... that's it*, em português, “Se você chama isto de dificuldades, está bem. Ser capturado por lobos, é isso”, de forma que apenas neste momento o professor e os colegas, aparentemente, conseguiram entender o que o locutor 1 estava tentando explicar desde o início do diálogo, nas linhas 4 (*This is children... ahm...[?] difficulties ahm the life of the children*), 8 (*Difficulties... ahm... the life the children*) e 12 (*Ahm. With the the wolves*).

5. Análise

Ao analisarmos o fato linguístico em questão, é possível perceber que a relação intersubjetiva se completa através da passagem da condição do aluno de locutor a condição de sujeito na e pela linguagem, instaurando-se enquanto pessoa subjetiva que diz *eu*, marcando-se em seu discurso e referindo e co-referindo ao professor, seu alocutário. Este processo se dá conforme o movimento de toda a situação de diálogo exposta, porém apenas na linha 33 o locutor pôde fazer com que a referência postulada em sua enunciação inicial tivesse a co-referência de seus alocutários.

Para tentar propor-se como sujeito na língua e marcar-se em seu discurso, o locutor apropria-se de algumas formas linguísticas da sua língua-alvo, as referidas palavras *difficulties*, *life*, *children* - os substantivos *dificuldades*, *vida* e *crianças* - bem como do artigo definido *the* e da preposição *of*. Ao perceber a dificuldade em enunciar na língua-alvo apropriando-se apenas de alguns signos, ele opta por enunciar em língua materna, conforme a linha 10, em uma tentativa de especificar o sentido da sua primeira sentença: “As dificuldades deles”.

Benveniste pontua que “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 82), ou seja, o locutor mobiliza a língua por sua conta e, deste modo singular, marca-se em seu discurso, mesmo utilizando-se de poucos caracteres linguísticos. Tendo isso em mente, podemos afirmar que a escolha de tais caracteres pelo locutor é fruto da apropriação do aparelho formal da língua de modo singular enquanto aprendiz do sistema em questão, neste caso, o inglês. Conforme reflexões de Aresi (2011) sobre o aparelho formal, não há como restringir a enunciação somente ao uso de caracteres que façam parte das categorias de pessoa, tempo e espaço, pois tais categorias são apenas parte do aparelho formal. O autor afirma que

Todos os caracteres do enunciado, uma vez que todos eles fazem parte do processo de agenciamento sintagmático e cumprem uma função nessa organização, a cada vez singular. A própria escolha lexical é uma marca de subjetividade, o próprio recurso prosódico também o é. Em suma, enunciar é subjetivizar a língua toda (ARESI, 2011, p. 273).

Para Benveniste, tal situação singular se manifesta por meio de um jogo de formas específicas que colocam “o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Neste sentido, percebemos que o uso dos

pronomes *eu* ou *tu* não precisa figurar explicitamente no discurso: estas formas podem permanecer implícitas, pois através das outras formas linguísticas utilizadas já há a marcação daquela fala em sua fala, por meio das escolhas que faz dentro das possibilidades que a própria língua disponibiliza para que o sujeito se marque como tal.

Dessa forma, mesmo sem enunciar sintagmas com uma complexa rede predicativa, nos casos das linhas 4 e 8, cada palavra cumpre sua função nesta organização singular e posiciona o locutor enquanto aprendiz que já é capaz de mobilizar a língua por sua conta ao escolher os caracteres que instauram sua posição na língua. Sua posição enquanto pessoa subjetiva está assegurada pela intersubjetividade instaurada pelo diálogo que o professor estabelece, enquanto sujeito, com o aluno, enquanto alocutário, que é capaz de reconhecer os signos e apreender o sentido na fala do professor.

Com relação aos caracteres utilizados, Benveniste (1991, p. 280) pontua: “A importância de sua função se comparará à natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva”. Tratando-se aqui de um contexto de sala de aula de ensino de L2, o aluno coloca-se diante da necessidade de referir na língua-alvo, uma vez que seu alocutário neste fato linguístico, o professor, enuncia em inglês a todo o momento, mesmo quando o locutor vale-se da língua materna, o português (linha 10), para tentar especificar o sentido de suas enunciações anteriores proferidas na língua inglesa. Assim, é possível perceber a complexidade da qual se constitui o processo de apropriar-se de uma outra língua, uma vez que, para que haja uma relação intersubjetiva eficaz, resultando na situação de diálogo, a língua é mobilizada de várias maneiras pelos interlocutores, sendo reorganizado a cada enunciação, até que a referência seja correspondida pelo alocutário. A irrepetibilidade e a efemeridade de cada enunciação se ligam, deste modo, à singularidade do sujeito que enuncia sempre em *aqui-agora* diferentes, utilizando-se da língua de modo único e individual.

6. Considerações

A partir do fato linguístico analisado, é possível dissertar sobre os mecanismos linguísticos verificados, objetivo que foi proposto por este trabalho. Segundo Benveniste, “A referência é parte da enunciação” (1989, p. 84), sendo assim a condição da mobilização da língua pelo sujeito é a própria necessidade de referir pelo discurso. De acordo com os dados, é perceptível que há um *mecanismo de retorno* da língua, o qual possibilita ao locutor retornar à referência postulada no início da situação de diálogo para constituir um novo sentido de sua enunciação ao final da situação de diálogo, na linha 33. Tal retorno foi possível porque a instância de discurso, apesar de atualizada a cada enunciação, ainda mantinha a mesma situação de diálogo, a qual possibilitou o retorno à referência enunciada inicialmente sobre as dificuldades sofridas pelas crianças, no começo da correção do exercício.

Além do chamado mecanismo de retorno, a *função metalinguística* é acionada pelo locutor e indica uma relação direta de reflexão sobre sua própria enunciação, uma vez que tal capacidade faz com que ele possa reenviar sempre a novos conceitos com base na enunciação de seus alocutários que, no caso de uma situação de diálogo ocorrida em sala de aula de aquisição de L2, funciona como *input* que fornece conceitos muitas vezes ainda não apreendidos pelo locutor. Dessa forma, o sujeito é capaz de refletir sobre a língua através dela mesma.

Ao pensarmos na contribuição da reflexão sobre a passagem de locutor a sujeito em uma L2 pelo aluno, podemos perceber a necessidade de o professor mostrar-se

atento aos mecanismos que marcam o discurso do aluno em seu processo de instauração em uma L2 para que ocorra uma comunicação intersubjetiva mais efetiva na instância de sala de aula. Tal percepção acaba por influenciar a prática do professor, que passa a valorizar as tentativas de instauração singular de cada aluno em busca da comunicação intersubjetiva por meio de suas próprias escolhas lexicais, mesmo que não sigam rigidamente as regras gramaticais de uma determinada língua ou que busquem apoio em sua língua materna para complementar a referenciação desejada em sua enunciação. Assim, a relação intersubjetiva que o professor estabelece com o aluno tem um caráter de encorajamento e apoio para que ele não se sinta tolhido para enunciar mesmo que ocorra algum erro gramatical ou faltem signos que estabeleçam a referência clara do que pretende enunciar. Tais situações são comuns e fazem parte do processo de apropriação de uma nova língua, pois justamente já constituem marcas de sua instauração subjetiva na língua.

É interessante ressaltar que a realidade de sala de aula já concebe a própria língua em uso, cuja enunciação constitui uma situação de diálogo que, mesmo muitas vezes não reproduzindo situações reais de uso da linguagem fora de sala de aula, instaura o seu centro de referência interno, como toda enunciação. O contexto de sala de aula já é a própria vida, para a qual o aluno se propõe a adquirir uma outra língua a fim de comunicar-se também fora de sala de aula. É dentro dela que o processo se inicia e cabe ao professor estar atento aos passos que o aluno dá em direção à uma aquisição mais efetiva enquanto sujeito em sua enunciação, de modo que este possa utilizar a segunda língua para viver, conforme afirma Benveniste (1991), que pontua que antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver.

Referências

- ARESI, Fábio. *Os Índices Específicos e os Procedimentos Acessórios da Enunciação*. ReVEL, v. 9, n. 16, 2011.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1991.
- _____. *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.
- FLORES, Valdir do Nascimento & TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, V; BARBISAN, L; FINATTO, M.J; TEIXEIRA, M. (Orgs.). *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Lambert Lucas: Limoges, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, Cultrix, 2006.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A Criança na Linguagem, Enunciação e Aquisição*. Campinas - São Paulo: Pontes Editores, 2009.